

O CADERNO

Ewerton Martins Ribeiro

Naquela tarde, Rita acordou como se fosse digno acordar à tarde. Como raramente se sentia daquele jeito, aproveitou o sábado para saborear meticulosamente a sensação de que merecia tal sono anacrônico. Com um tanto de incomum, sua última noite não havia sido mais uma das várias em que, a despeito de sempre atravessá-las acordada, nada produzia. Daquela vez, apesar de toda a descrença natural e do ceticismo congênito e perene, tinha a certeza de que um caboclo labutador havia tomado seu corpo — ao menos era o que ironizava a si mesma ao se debruçar enjoada e ainda sonolenta sobre o parapeito de sua respingada janela, que havia dormido aberta, e sentir um emanado vento adentrar seu estúdio, causando-lhe um arrepio fugaz ao por ela passar.

Tinha a visão embaçada de quem ainda não desadormeceu por completo. Assim, ao se deslumbrar com a Serra do Curral crepuscular, perpassada naquela hora por um amarelo-ouro que fazia dela algo como uma pintura impressionista, nem soube avaliar de imediato se tal crepúsculo se dava no ínterim entre tarde e noite ou entre esta e o nascer do Sol. Ouvia, ao longe, o som de atabaques e pandeiros, em um batuque desconjuntado. “É sábado”, pensou ressecada. “Todos botam os instrumentos para fora em busca de alguma satisfação”, e disse a si mesma, retórica, ambígua e em voz alta, através do gosto de guarda-chuva velho que sentia pelos cantos da boca.

Limpava a remela que, apesar de presente, não conseguia suplantiar a beleza que dela naturalmente emanava – Rita tinha especial charme em seu despertar –, quando acabou por finalmente lembrar-se, apesar de ainda vagamente, de algo do que se passara na noite anterior. Não havia feito muito sentido o ímpeto produtivo que dela se apossara: noite adentro, atravessou a madrugada, da primeira hora do dia à alvorada, sem interromper por mais do que por instantes o fluxo do pincel. Manteve-se da paleta à tela, da tela ao godê e dos diluentes novamente à paleta, em movimentos cada vez mais confiantes e sutis, já que por rito Rita começava seus

trabalhos com traços extremamente firmes, crédulos e abstratos, para então ir gradativamente suspendendo a pressão enquanto conferia tons mais concretos aos rascunhos iniciais. (Justo por isso, Rita abusava dos diluentes — sua vida era uma eterna busca por produtos que postergassem a secagem de suas tintas). Se subitamente decidia interromper uma obra em uma fase qual previamente não suspeitava ser já a do fim da criação, concluía um trabalho mais visceral e subjetivo, repleto de significados não tão claramente expressos a um primeiro olhar, como um conjunto de ideias filosóficas divulgadas em seu rascunho — algo extremamente belo e lancinante, porém indeciso e um tanto vago. Já se deixava levar pelo prazer inconsciente da arte e permitia a si mesma demorar por mais do que talvez devesse com o pincel à mão — de tais excessos, só tomava conta dias após as dilações cometidas —, quedava-se com um trabalho mais concreto e exato, daqueles que de tão apurados têm cheiro, exalam objetividade e determinação. Muitas vezes, tais de suas obras eram acusadas por críticos ortodoxos e ranzinzas de não serem arte por objetivarem — ou conseguirem, a depender da perspectiva — não deixar margem para a interpretação. De fato, em um olhar desprendido, poder-se-mesmo-ia resumir tais trabalhos, mal comparando, como uma afirmação sucinta e tirana — daquelas que, ademais serem ditas com precisão inglesa, contam ainda com a censura déspota e prévia do emitente.

Não obstante tais vertentes juntamente complementares e contraditórias, partitivas e dialéticas, por exceção do êxtase da noite anterior, fazia meses que Rita não armava o cavalete — suas raras inspirações, quando surgiam, ora se esgotavam em um pensamento mais demorado, ora eram rascunhadas em croquis que confessava monossilábica e libertária em um moleskine secreto. E surgiam cada vez mais raramente: algo há tempos vinha lhe sugando pelos calcanhares as cores, e quando pensava em um quadro, só via o branco — avisada, não se dava ao humor de tripudiar sobre o branco conter todo o colorido.

Contudo, de novos ímpetos de criatividade Rita vinha sendo tomada desde que começara a frequentar a gira, coisa que fazia só há poucas semanas; alheia ao detalhe, já se sentia mais do que íntima dos temas da umbanda — e, a cada roda, ainda um pouco mais, filha de Oxum que se descobrira (ou se inventara, a se relevar o seu natural ceticismo intrínseco). Se de imediato tais temas não lhe traziam por completo as cores — Rita em partes se dava ao rito sob a desculpa cultural —, ao menos lhe amainavam passivamente a alma, coisa de que tanto sentia, sabia e aceitava carecer.

Talvez por isso houvesse tido naquele dia o surto artístico de virar a madrugada inteira pintando com precisão e em ritmo frenético – havia, se se lembrava bem, passado horas no terreiro no anoitecer anterior –, ainda que até então não se lembrasse do que especificamente havia feito naquele templo. E, se agora já se lembrava melhor, lembrava-se é de que havia, ao chegar da gira, onde muito tinha conversado com Babá sobre as sensações que a vinham dominando nos últimos dias, armado seus três cavaletes simultaneamente, ansiosa e ofegante — era como se, tomada como sua por Almodóvar, tivesse se defrontado com uma necessidade premente e inexorável de preencher com cor todo aquele branco de suas telas intocadas. Lembranças por lembranças, recordava-se agora, copo d'água e aspirina à mão, ter desmontado exausta no sofá de seu ateliê já pela manhã, após ter por certeza concluído três quadros os quais teria, quando despertasse, e se despertasse, entre os seus melhores; disso, lembrava-se agora, certa havia estado quando exausta adormeceu, após findar, entre as pinceladas, um algo de três garrafas de vinho.

O telefone tocou assim que percebeu que, de fato, anoitecia. A Serra do Curral era agora nada mais do que o breu pontuado por uma ou outra luz dispensável, e o parapeito de seu estúdio não mais dava acesso a uma dúvida: era, definitivamente, noite. Entre olhares pelo parapeito e olhares para os próprios peitos, estes que tinham por sobre si mesmos a blusa tomada por várias cores, as horas passavam, e por mais que as horas passassem e a avidez a consumisse, Rita olhava para peitos e parapeitos e postergava, ainda sem saber muito bem por que, a consulta às obras que produzira. Estranhava, ensimesmada, era o quanto se sujara, além do fato de não lembrar o que havia retratado em tais quadros. Chegou mesmo a sorrir, ao duvidar por um instante da existência de tais pinturas. Foi quando, já irritada com a insistência do telefone e tomada por uma leve cólica, os viu, os cavaletes, encantados no vão escuro do cômodo, oferecendo as costas ao ambiente e – supunha – a extrema cor ao olhar da parede.

- Oi. Diga.
- Rita? Rita de Assis?
- Sim; quem é?
- Bem, você não me conhece...
- Anrram. Do que se trata?
- Bem, é que você esqueceu comigo seu caderno... Quer dizer, não comigo; é que ele está aqui...

— Caderno? Ah, tá... Espera aí, que caderno? – Rita tinha mais sono do que o habitual. Lembrou-se de ter lido há alguns poucos dias a explicação dita científica para a reclamação daqueles que dizem que, quanto mais dormem, mais sono sentem. Algo como um hormônio que, após o número adequado de horas dormidas, começaria a ser produzido pelo organismo do preguiçoso, gerando mais e mais sono, à revelia do dormimento... Ou era uma piada, não lembrava bem: malgrado o fato de não saber exatamente o quanto tinha dormido, estava realmente esgotada. A noite anterior ainda tinha um tanto de incógnita, e foi pensando nisso que Rita então percebeu que o tal com quem falava havia explicado meio mundo e ela tinha parado de entender lá atrás, ainda na parte do caderno, para dar início aos seus devaneios.

— Como?

— Então, o caderno está comigo agora.

— Não, por favor, explique novamente. A ligação falhou.

— É como eu estava te dizendo: depois de tudo, seu caderno acabou ficando comigo. Vi que é seu pelo nome e telefone, no alto da parte de trás da capa. Tem até um desenho bonito... Quer dizer... É estranho, né? Mas é bonito também. Bem, não é da minha conta. Você é a Rita, né? Se não for, está com o telefone dela...

Rita não riu da pretensa piada. Tentou se lembrar de algum caderno que faltasse, ou mesmo de um novo que houvesse comprado e que dele não se lembrasse... Mas nada. De fato, parecia-lhe que todos os seus moleskines ali estavam, dispostos na prateleira que mantinha exclusivamente para eles na parede perpendicular à janela. Conferiu-os. Todos ali, catalogados. Pudera, os antigos de lá nunca saiam: no máximo, para serem consultados ali mesmo, já com paleta à mão — busca por alguma colorida inspiração que, furtiva, houvesse se escondido neles e neles sem ônus pudesse ser recuperada. Já dos mais novos, apenas sempre o último ocupava-lhe a bolsa. E apenas até ser completo, quando então, em ritual, Rita lhe presenteava com o seu lugar na coleção. O último, ela lembrava, ganhara a prateleira há quase doze meses; e de lá pra cá era sagrado: circulava sempre com um de capa azul e elástico amarelo forte, quase que intacto, para onde quer que fosse, sem nunca o esquecer-lo. A não profanação de tantas páginas ainda seladas refletia o hiato vivido até os últimos dias e o recente roubo da noite anterior: sem inspiração, viveu o último ano sem quase nada ter ao menos cogitado criar.

Desperta dos pensamentos, Rita viu que novamente havia se deixado levar por eles enquanto seu interlocutor destilava detalhes. Ao fundo da ligação, pôde perceber que o homem ouvia algo que lhe pareceu muito bom — salvo engano, Billie Holiday. Sentiu vir à mente a lembrança de um passado qual não soube muito bem

delimitar, como se fosse mesmo a lembrança advinda de outra vida, e de fato aquela voz, sobrepondo Billie Holiday, lhe trazia um conforto comum. Percebendo que novamente havia se distraído, se recompôs e buscou focar-se, mas retomou a atenção quando o desconhecido já não mais dedicava a sua, e ouviu apenas o desfecho, já não mais tão prestimoso.

— Enfim, se você não quiser buscá-lo, tanto faz, jogo fora; o fato é que está comigo. Meu endereço é...

Enquanto memorizava rua e número, Rita também percorria a memória de seus últimos dias em busca de um detalhe racional que houvesse escapado. Pensava se poderia ter comprado um novo caderno e dele não se lembrar. Todavia, em face de seu apego aos moleskines e da congérie sistemática que fazia deles, a hipótese se mostrava despropositada. Conjurando possibilidades, nenhuma satisfazia. Pensou poder ser o caderno de um outro alguém; assim, seu nome figuraria nele pelo acaso de tal outro ser na verdade um conhecido, que, avesso a agendas, haveria sentido ser preciso manter os seus dados em um caderno... Sim, e seria um *homem*... Apesar do interesse pela hipótese e da imaginação, Rita não era muito partidária das coincidências ligadas às ideias de destino e significado; dava-se melhor, bem melhor, com a ideia do simples e despropositado acaso. E, não fosse isso, tinha por costume nomear seus cadernos exatamente daquela forma: nome e telefone, sempre ao alto da contracapa. Assim, pareceu-lhe imprópria – apesar de interessante – a reflexão. Até porque, excetuadas as últimas semanas em que os homens inexplicavelmente haviam ocupado, como se realmente fossem por direito seus, os pensamentos da pintora – e feito desabrochar toda uma lascívia até então adormecida –, no decorrer dos últimos meses, do último ano, Rita havia se dado a buscar inspiração exclusivamente na pintura de modelos femininos, o que de fato coadunava com as suas naturais mas latentes preferências. Assim, se seus dados houvessem de figurar na contracapa do moleskine de alguém que já o houvesse perdido, decerto seria no de uma mulher — mesmo cabendo dizer que tais vivências, no decorrer de um ano inteiro, não renderam um quadro sequer: redundaram no máximo em uma Rita ainda mais descrente e em alguns versos de amor uranistas, rica e caprichosamente desenhados em páginas brancas, que então já estavam devidamente catalogados e coligidos nos últimos exemplares de sua prateleira especial.

Só ao despertar com o som automático e repetitivo do telefone é que Rita percebeu que a ligação havia sido encerrada sem que ela percebesse ou mesmo se

despedisse: outra vez, havia se deixado levar por seus pensamentos. *Doces pensamentos*, relevou.

Um caderno. Por instantes, Rita prostrou-se inerte face à falta de sentido da situação. Subitamente, mergulhou no clássico sentimento de *weltschmerz*, aquela dor do mundo que parece mesmo atacar com mais veemência e prontidão os que se dão às artes, e tão fundo e rápido se deu a tal melancolia que pareceu mesmo que dela não voltaria incólume. Por instantes. De um momento para outro, já completamente niilista, pareceu que Rita havia se transformado em uma personagem a perpassar as obras de Balzac, Flaubert, Tolstoi, Kafka, Dostoiévski, Sartre ou as de quaisquer outros que se possa citar (no que em suas obras se enxergar a existência desprovida de sentido em seu grau máximo, a mais profunda melancolia travestida de belas-lettras). Por instantes. Por instantes, mas não mais que isso. Um axioma: não havia tal caderno. Não poderia haver. Até pensou em tomar sua bolsa à mão e anotar o endereço memorizado; desistiu: conhecia razoavelmente a região e, de fato, pôde praticamente ver em sua mente o endereço simples soletrado ao telefone. Além do mais, tinha por natureza ótima memória visual. Era justamente tal aptidão que lhe embasava a atividade profissional, ela que retomava aspectos memorizados da realidade em seus trabalhos — “a mais concreta pintura abstrata já concebida”, abusaria a crítica da frase de efeito. E foi justamente a ciência de tal aptidão que lhe fez quedar-se apenas por instantes, e não mais do que isso, dedicada ao paradoxo do caderno. Perpassada por tal aptidão e pelo som dos atabaques, que agora pareciam ser tocados embaixo de sua janela, Rita voltou-se distraída para os três cavaletes e seus três quadros; de costas, o fundo branco de suas obras sobressaía em meio à falta de luz que já tomava seu estúdio; no escuro do canto, as obras pareciam clamar por sua criadora. E para Rita havia algo de surreal em não conseguir, por mais que tentasse, retomar em memória as formas, os contornos, as intenções, que fossem ao menos as cores daquelas obras.

Se deu a examinar sua blusa branca e, pescoço curvado para baixo para a melhor observação, sentiu um arrepio pelo vento que se soprou em sua nuca. Nela, em sua blusa, para além de toda a tinta que fazia dela mesma uma obra de arte, demarcavam-se as formas exatas de seus seios fartos e inchados — inclusive, e principalmente, suas extremidades escurecidas. Rita estava – e só então tomava conta disso – verdadeiramente excitada — como nunca antes da noite anterior havia estado. Sentia as pernas molhadas e o corpo ferver àquele som; o cheiro característico que sempre sentia quando no início ou no fim do sexo agora tomava toda a sala, e a licenciosidade que porventura seria exceção aplicava-se como regra.

Quando nem viu, Rita já desfalecia em seus próprios desejos, e, ao se tocar, não sentia que tocava a si mesma, e, ao ser tocada, não sabia se era ela mesma que se tocava; quando nem percebeu, tudo começava a fluir sem vírgulas nem sobressaltos, apenas um prazer sempre crescente e cada vez mais quente a perpassar todo o seu ateliê, todo o seu corpo, e suas obras, e sua mente. Rita dava de graça o que de graça e incontrolavelmente recebia: com amor, humildade, caridade e fé; prostrava-se sobre si mesma e sob si mesma, ensimesmada, dada a si, entregue.

Tentou ainda caminhar na direção de seus três quadros, agora que, mais do que nunca, desejava tê-los para si e entregar-se a eles: mesmo que em condição de tocá-los, fazê-lo não pode, tinha as mãos ocupadas. Ingovernável, jogou-se, derramou-se então sobre eles loucamente, ainda em tempo de ver, extasiada, plena, que sobre o primeiro havia um total preto, forte, impávido e pavoroso, completa escuridão que lhe causou o mais tenebroso medo e a maior e mais incontente voluptuosidade. Arrebatadamente hedonista, desfez-se imediata e eternamente sobre o quadro, também desfazendo a própria tela por seus movimentos incontroláveis — isso enquanto puxava desconcertada a perna do segundo cavalete, que tombou sobre ela ele também em total descontrole, cavalete que era. Seu quadro, este insuspeitamente límpido, fez-se rubro aos olhos de Rita, daltonismo que pouco importava aos olhos cerrados de prazer, sangue que talvez tingisse por escorrer sabe-se lá de onde; sabe-se lá por que. Violenta e um tanto violeta, mistura de quadros, Rita brigou com as pernas e braços que lhe violentavam em um intervalo indecifrável entre o consentimento e a recusa — e, envolta por seus cavaletes, nem soube perceber se brigava era consigo mesma ou com algo de si que projetara para além daquilo que chamava inadvertidamente de eu. Ainda teve tempo de, antes de gozar de prazer, incontrolável, incrédula, extirpada de si mesma e desfeita no empirismo, defrontar sua última e desbragada tela: uma explosão de cores, impossível de assimilar a um simples olhar — e tudo se fez ruir em um grito gutural.

Abandonada, entre suas telas Rita se deixou. Pejada e nua; no mais completo silêncio. Ainda teve tempo de, antes de adormecer e sonhar ao som agora cada vez mais distante dos atabaques, antever o sorriso maroto e ouvir o riso matreiro que um vento lhe confidenciaria ao escapar pela janela – como na noite anterior –, de volta ao terreiro.